

ENCONTRO COM A HISTÓRIA

Brasília era naquele tempo uma orquestra de serrotes e martelos

"Quem morreu na cruz para nos salvar?"

"Foi Nosso Senhor Jesus Cristo" - disseram mais de duzentas crianças em uma só voz.

Era domingo, dia 5 de abril de 1981.

O vigário da Paróquia de Dom Bosco, no Núcleo Bandeirante, estava dando aulas de Catecismo às crianças.

Com uma batina preta - mais para cinza - curta, deixando à mostra seus sapatos e meias, rota nos ombros de tanto uso, o Padre Roque Valiati negou-se a conceder entrevista naquela tarde: dizendo-me: "Tenho muita coisa para fazer hoje; só amanhã à noite".

Dirigimo-nos à sacristia e fomos informados que daí a pouco ele iria fazer batizados e rezar missa na Candangolândia, só retornando ao Núcleo Bandeirante às 20 horas para a preparação da "Semana Santa".

A imagem rude e um tanto agressiva desse professor de matemática desaparece assim que se começa a falar em Brasília, nos candangos e os tempos "heróicos" da Cidade Livre. A lembrança modifica sua voz e o rosto queimado pelo sol, deixando transparecer uma alegria que mais me pareceu a de uma criança quando ganha uma caixa de bombons.

Quando Juscelino Kubistchek desceu no Planalto Central a dois de outubro de 1956, o padre Roque Valiati estava em Vitória. Ele conta: "Meu superior chamou-me e disse que Brasília iria precisar de assistência religiosa e que iria me transferir para Goiânia, de onde nossa Ordem - a dos Salesianos - poderia dar assistência à nova capital. Em Goiânia fui dar aula no Ateneu Dom Bosco, e aos fins de semana vinha rezar missa em Brasília. A viagem era muito demorada e se perdia muito tempo para que prestássemos essa assistência religiosa às almas que aqui trabalhavam. Meus superiores me perguntaram se eu aceitaria ficar aqui em trabalho pastoral. Aceitei. Cheguei para ficar no dia 18 de abril de 1957. Era na Semana Santa. Aqui no Núcleo havia muitos acampamentos e eu ia diretamente aos acampamentos para rezar missa e dar sacramentos".

Como que envolvido por um turbilhão de lembranças, Padre Roque falou cerca de quinze minutos sobre essa primeira fase.

Sobre as lutas que teve junto aos administradores para evitar as violências cometidas contra os trabalhadores pela extinta Guarda Especial de Brasília - GEB, lembrou: "Os trabalhadores eram em sua maioria lavradores nordestinos, desacomodados à disciplina que queriam alguns diretores da NOVACAP; no final tudo se ajeitava e liberavam os presos, e aqueles que se excediam nas bebidas".

Hoje, decorridos vinte e cinco anos do início da construção de Brasília, poucos sabem que o Padre Roque Valiati foi um dos que mais contribuíram para sua consolidação.

Paralelamente ao entusiasmo pioneiro, havia também uma enorme resistência de engenheiros, arquitetos e administradores contra Brasília. Alegavam que era impossível residirem em Brasília com suas famílias, pois além do desconforto inicial, faltavam escolas para seus filhos.

Foi quando, segundo Padre Roque, Ernesto Silva e Bernardo Sayão, tentando encontrar solução rápida para um desses problemas, propuseram a Padre Roque que criasse um colégio, já que por vinte anos exercera o magistério, antes de vir para Brasília.

Ele conta: "Não tinha madeira e o Bernardo Sayão me levou à Construtora Rabêlo. Eles estavam construindo o Palácio da Alvorada. Disseram que, quando tirassem as formas do Palácio, a madeira me seria dada. E assim foi feito. Foi quando o Bernardo Sayão me disse: "Que

beleza a sua escola, Padre Roque. De um palácio de madeira nasce uma escola de madeira".

Estava vencida uma das maiores resistências à construção e à consolidação de Brasília.

Hoje, a antiga igreja de madeira da Cidade Livre, construída por Padre Roque e mais 11 operários de Santa Catarina - especialistas em casas de madeira - não mais existe, cedendo seu lugar a uma de concreto.

Ao falar da saudade dessa época, relembra: "Brasília era o palco de uma orquestra de serrotes, martelos e máquinas; todos trabalhavam". Foi quando novamente lembrou-se de Bernardo Sayão, da sua morte e dos sacramentos que fez na en-

comendação de seu corpo. "Ele era um homem dedicado. Um exemplo para todos. Sua coragem, simpatia e simplicidade contagiavam a todos. Quando sua filha casou-se - lembrou Padre Roque - na Igrejinha, ele estava de terno e gravata. Foi a única vez que o vi de gravata. Ele se afastou e me disse: "Não agüento esse negócio de paletó e gravata". Em seguida afrouxou a gravata do pescoço. Estava angustiado".

Na lembrança do velho educador veio um pedido ao repórter.

"Aproveito esta entrevista - disse - me - para fazer um pedido ao Governo do Distrito Federal. É preciso que se tomem

medidas urgentes para preservar o primeiro grupo escolar de Brasília, que está em ruínas. O Grupo Escolar Dona Júlia Kubistchek, na Candangolândia, é um patrimônio da história cultural de Brasília e não pode estar como está, caindo aos pedaços e sendo abrigo de indigentes".

Encerrando a entrevista, lembrando que sua Ordem Religiosa - a dos Salesianos - tem Dom Bosco como padrinho de Brasília, perguntei-lhe quem seria o padrinho de Crisma de Brasília nestes seus 21 anos. Ele respondeu: "Deve ser o braço nordestino; sem ele, apesar de Juscelino e Sayão, a cidade não teria se posto de pé".

Foto: IVANY CÂMARA NEIVA



Padre Roque sente saudades do início de Brasília

Vai ficar para contar a história?



Nordeste.

Cada dia, uma história.

Cada história, uma batalha.

Contra o sol, as pragas, a chuva, as distâncias, a miséria.

E ele ali, ainda firme, personagem e autor de sua própria lenda.

Preso na garganta, a vontade irreprimível de largar tudo e ganhar o mundo. Fortaleza, Recife, São Paulo.

E deixar, abandonada e improdutivo, a terra.

Vai ficar para mudar a história?

O BNB ainda não tem resposta definitiva a esta pergunta, apesar do muito que vem fazendo para fixar o homem à terra.

Por isso, o trabalho tem que continuar, intenso, urgente, diário.

Aplicando recursos para contrapor irrigação à inclemência do sol, defensivos agrícolas ao flagelo das pragas, estradas às distâncias, trabalho à miséria.

Para que o homem fique na terra e possa contar, para todo mundo, uma história de sucesso.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

bnb BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.

O Conterrâneo